

Resenha

VENANCIO, Giselle Martins. *Pontes sobre o Atlântico: ensaios sobre relações intelectuais e editoriais luso-brasileiras (1870-1930)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2012.



Mariana Rodrigues Tavares
Graduanda em História pela UFF
historia.mari@gmail.com

Lançado no último ano pela editora carioca Vício de Leitura, *Pontes sobre o Atlântico*, de Giselle Venancio, revela sinteticamente o percurso de pesquisas realizado pela autora ao longo de seu período de pós-doutorado na UFMG e na Universidade de Évora.

A obra é composta de sete capítulos divididos em duas partes, *Pilares de uma ponte ultramarina: Intelectuais portugueses e relações editoriais luso-brasileiras* e *O Tricentenário de Camões no Rio de Janeiro: Comemorações como pontes*, respectivamente, que se propõem a tratar das práticas editoriais e intelectuais tecidas entre Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX. Por meio da análise de publicações compreendidas entre periódicos e coleções circulantes pelos anos de 1830 e 1930 foi possível evidenciar a existência dessas relações luso-brasileiras. Além disso, tal averiguação estabeleceu o desafio para a autora de buscar o surgimento e a constituição da ideia de uma comunidade cultural especificamente luso-brasileira através da existência de uma produção e circulação de impressos com expressiva periodicidade, como já citado, e ainda trouxe à luz as razões que justificam a difusão de conteúdos que procuravam reafirmar os laços de amizade existentes entre Portugal e Brasil em eventos de caráter comemorativo.

Os três capítulos que compõem a primeira parte do livro – *David Corazzzi e sua “Propaganda de Instrução para portugueses e brasileiros”*; *Fran Paxeco e Augusto Emílio Zaluar: breves*



trajetórias de intelectuais portugueses no Brasil e *Um romance para falar de ciência: o Dr. Benignus*, respectivamente, abordam a produção editorial e intelectual portuguesa e suas estratégias de aproximação com o Brasil. No primeiro capítulo, Venancio trabalha com a *Coleção Biblioteca do Povo e das escolas* (1881) publicada em Portugal pela editora David Corazzi e amplamente comercializada em território brasileiro. Destinada não só ao mercado português como também o brasileiro, a *Biblioteca do Povo e das Escolas* ilustra uma tradição das editoras portuguesas em elaborar boa parte de suas publicações ao comércio no Brasil. Sobre isso, a autora destaca que no decorrer do século XIX os romances portugueses eram muito lidos no Brasil, o que possibilitou aos autores portugueses se tornarem conhecidos no país. Publicada com uma tiragem inicial de seis mil exemplares, a coleção *Biblioteca do Povo e das Escolas* tinha o caráter popular e por conta disso, seus títulos abarcaram um público alargado e com um sortimento variado de assuntos desde Química, Física, Zoologia e Anatomia até manuais de ofício destinados aos profissionais de maquinaria e carpintaria. Conforme aponta Giselle Venancio, a *Biblioteca do Povo e das Escolas* demonstra uma preocupação com a instrução popular, o que proporcionou ao editor David Corazzi às honras de ser considerado, em Portugal, um “patriota benemérito”. Entretanto, como bem mostra a autora, em fins dos anos de 1880, em razão de uma enfermidade que se abatera sobre o editor, as empresas David Corazzi sofreram uma queda brusca nas vendas, o que resultou na compra da Editora Limitada – empresa correspondente a antiga editora fundada por David Corazzi – pelo célebre editor do mercado literário brasileiro Francisco Alves.

Permanecendo nas órbitas intelectuais, mas centrando-se nas trajetórias particulares de dois ilustres portugueses, o segundo capítulo de *Pontes sobre o Atlântico* dedica-se a abordar a vida intelectual de Fran Paxeco e Emílio Zaluar. De origem portuguesa Fran Pacheco foi um escritor que viveu longos anos no Brasil e que uma vez residindo aqui procurou estimular o intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal. Neste projeto de aproximação entre as duas partes do Atlântico, Paxeco contou com a prestimosa ajuda de seu amigo, o renomado intelectual português Teófilo Braga. Analisando as correspondências enviadas por Fran Paxeco a Teófilo Braga, Giselle Venancio elucida por meio do conteúdo dessas missivas a manifestação das intenções de Paxeco nas estratégias de aproximação entre os dois países assim como em suas solicitações de ajuda a Braga junto a Academia de Ciências de Lisboa. Além desses nomes, outro intelectual importante para se compreender as relações luso-brasileiras foi investigado pela autora, Augusto Emílio Zaluar. Residindo no Brasil desde a data de 1849, Zaluar publicou a maior parte de seus escritos aqui graças a sua favorável rede de contato com os mais influentes editores do século XIX – como Garnier e Francisco Alves –, além da inserção numa considerável rede de sociabilidade



intelectual. Atuante em diversos campos, Zaluar publicou poesias, livros escolares, romances, editou jornais e manteve relações com as instituições de ensino brasileiras. Entretanto segundo nos indica a autora, Emílio Zaluar é mais conhecido devido ao seu livro de maior circulação intitulado *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-1861)*, publicado pela casa editorial Garnier, em 1862, e também por sua participação na *Revista Popular* pertencente à mesma editora.

Encerrando o bloco de textos que compõem a primeira parte da respectiva obra, o terceiro capítulo refere-se ao primeiro romance científico no Brasil: *O Dr. Benignus* editado pela Typografia Globo, sediada no Rio de Janeiro em 1875. Escrito por Emílio Zaluar o livro se inseriu na tradição de obras de Julio Verne, bastante lidas no Brasil do século XIX. Segundo evidencia Giselle Venancio, o autor pretendia divulgar os conhecimentos da ciência considerada moderna por meio de uma escrita agradável e atrativa. Como aponta a autora, a ideia central desta narrativa é a possibilidade de habitabilidade do sol, perspectiva esta defendida veementemente pelo personagem principal da trama, o Dr. Benignus. No entanto, para além das discussões de foro científico, o caráter principal do romance é o de colocar a ciência em cena proporcionando ao público a possibilidade de conhecê-la e indagá-la. Como conclui Venancio, os variados suportes escritos de vulgarização científica tais como romances, jornais e revistas compuseram o caminho que precedeu às coleções de divulgação científica difundidas nas últimas décadas do século XIX.

A segunda parte de *Pontes sobre o Atlântico* destina-se a contemplar as comemorações do Tricentenário de Camões na cidade do Rio de Janeiro e intitula-se *O Tricentenário de Camões no Rio de Janeiro: Comemorações como pontes*. No quarto capítulo que abre essa segunda seção – *Uma festa luso-brasileira: O Tricentenário de Camões no Rio de Janeiro (1880)* – Giselle Venancio salienta com riqueza a descrição dos preparativos dos festejos em homenagem a Camões que compreenderam ensaios musicais e apresentações literárias, tais como a leitura do drama *Camões* realizada no Theatro S. Luiz e os ensaios das peças sinfônicas executadas no Imperial Theatro D. Pedro II. Conforme destaca a autora, a comemoração do tricentenário do escritor português foi responsável pela mobilização do universo intelectual e cultural do Rio de Janeiro num momento delicado de crise monárquica. Da mesma forma que em Portugal, no Brasil o evento comemorativo de Camões foi emblemático no que concernia a importância da cultura portuguesa para o país.

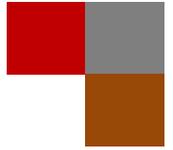
Nos dois capítulos subsequentes intitulados respectivamente como *O Tricentenário de Camões em Lisboa e no Rio de Janeiro (1880)* e *Joaquim Nabuco na festa do Tricentenário de Camões*:



Reflexões sobre a Nação, Giselle Venancio afirma ser a festa do tricentenário de morte de Camões, realizada em 1880, um evento paradigmático das maneiras elaboradas pelos intelectuais de ambos os países no intento de valorizar os aspectos culturais luso-brasileiros. Em terras portuguesas os festins realizaram-se através da publicação de inúmeros impressos, criação de pinturas, moedas comemorativas, procissões cívicas, festas nas escolas, discursos e um sortimento de tantos outros mecanismos de comemoração. Na cidade do Rio de Janeiro, como já afirmado, houve uma programação envolvendo música e literatura e, além disso, a ocasião foi utilizada para o lançamento da pedra fundamental do novo prédio do Gabinete Português de Leitura. Por meio das análises de publicações em diversos jornais como a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Commercio* a festa parece ter sido um sucesso. No que tange a participação de Joaquim Nabuco, a autora salienta que a escolha de Nabuco para orador das comemorações atendeu aos interesses dos idealizadores do evento em buscar uma conciliação cultural entre Portugal e Brasil e a pessoa de Nabuco representava esse desejo de aproximação.

No último capítulo que integra a obra, intitulado *Navegar em comemoração ao tricentenário de morte de Camões no Rio de Janeiro (1880)*, Giselle Martins Venancio salienta que a figura de Camões apreendida pela festa de seu tricentenário de morte foi utilizada como elemento condensador da nacionalidade portuguesa e de suas formas de representação tanto para a comunidade lusitana quanto para a brasileira. Em razão dessa função durante o período da festa, foi atribuída a Camões a condição de imortal, sendo assim eternizado pelos homens de 1880. Além dessa aplicabilidade, os diversos festejos que compuseram o programa de homenagens ao poeta português tiveram por objetivo projetar o passado camoneano sobre o presente, algo que pode ser verificado no grande número de embarcações ornamentadas e iluminadas referenciando-se à obra *Os Lusíadas*, sem contar a participação da família imperial e da comunidade portuguesa na festa, além das músicas e efeitos usados, tudo isso contribuindo para a criação de uma exaltação patriótica e para retomada das glorificações portuguesas.

Por todas essas razões a obra *Pontes sobre o Atlântico* de Giselle Martins Venancio pode ser considerada inovadora para os estudos acerca da História portuguesa e brasileira do século XIX, pois apresenta de que maneira o período de formação dos regimes políticos da contemporaneidade soube alicerçar a exaltação das glórias heróicas e a difusão do sentimento de nacionalidade, elementos tão caros em momentos legitimadores de novos sistemas governamentais como os republicanos posteriormente emergidos. Com uma escrita leve e objetiva, o livro em questão se destina não apenas aos especialistas da área de História e de



Literatura, mas a todos aqueles que se interessam pela temática de formação da nacionalidade brasileira e portuguesa no século XIX.

Recebido em: 21/01/2013
Aprovado em: 01/03/2013